



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CURSO ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

SAMUEL FRANCISCO PEREIRA DE OLIVEIRA

TECNOLOGIA NA ESCOLA: aprendizagem, valorização cultural e identitária

CATOLÉ DO ROCHA – PB
2014

SAMUEL FRANCISCO PEREIRA DE OLIVEIRA

TECNOLOGIA NA ESCOLA: aprendizagem, valorização cultural e identitária

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Profa. M.Sc. Maria Fernandes de Andrade Praxedes

CATOLÉ DO ROCHA – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48t Oliveira, Samuel Francisco Pereira de.
Tecnologia na escola [manuscrito] : aprendizagem, valorização cultural e identitária / Samuel Francisco Pereira de Oliveira. - 2014.
48 p.

Digitado.
Monografia (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.
"Orientação: Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes, Departamento de Letras e Humanidades".

1. Escola. 2. Cultura. 3. Tecnologia. 4. Aprendizagem. I.
Título.

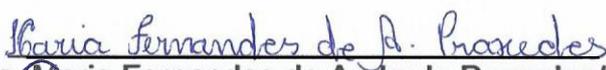
21. ed. CDD 372.8

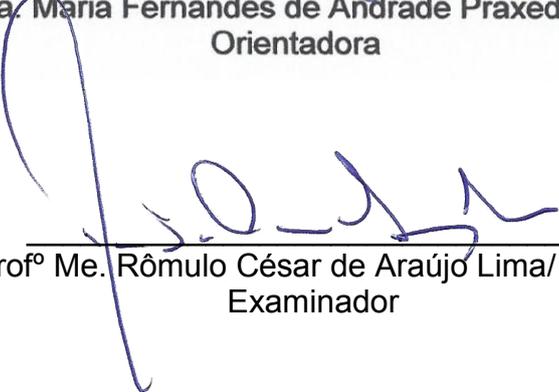
SAMUEL FRANCISCO PEREIRA DE OLIVEIRA

TECNOLOGIA NA ESCOLA: aprendizagem, valorização cultural e identitária

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 06 /12 /2014.


Prof^ª Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes/ UEPB
Orientadora


Prof^º Me. Rômulo César de Araújo Lima/ UEPB
Examinador


Prof^º Me. Francisco Ademilton Vieira Damasceno/ UEPB
Examinador

DEDICATÓRIA

A minha mãe, Joana D'arc Pereira, pela dedicação,
companheirismo e força, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Rômulo César Araújo de Lima, coordenador do Curso de Especialização – Polo de Catolé do Rocha, por seu empenho.

À professora Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação nas orientações do trabalho.

A minha mãe Joana D'arc Pereira, pelo apoio dedicado e palavras de incentivo compartilhadas.

Aos professores do Curso de Especialização da UEPB, que contribuíram ao longo do mesmo, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

Aos amigos Jailson José, Fabíola Sales, Rodrigo Silva, pelos momentos trilhados com palavras de incentivo e confiança.

É preciso compreender o presente não apenas como presente de limitações, mas como presente de possibilidades.

(Paulo Freire)

RESUMO

A escola é uma instituição social que dissemina conhecimentos produzidos ao longo da história da humanidade, assim, os sujeitos que fazem uso dessa unidade de construção e promoção de saberes precisam encontrar um ambiente que estimule a prática dos estudos e a produção de conhecimentos. O tratamento da cultura de cada indivíduo pela escola pode fortalecer vínculos e aproximar os sujeitos para o universo da aprendizagem, algo que enriquece as práticas pedagógicas e valoriza a pluralidade identitária. As tecnologias presentes na sociedade contemporânea são ferramentas que transitam nos mais variados espaços sociais, inclusive na escola, fator este que precisa ser identificado e trabalhado nas metodologias de ensino, pois as mídias digitais são mecanismos de interatividade, informação e auxílio para construção de caminhos inovadores de aprendizagem. Este trabalho visa evidenciar os fatores cultura e tecnologia na perspectiva interativa e auxiliadora no processo de ensino-aprendizagem dos sujeitos discentes digitais. A metodologia utilizada para tais discussões repousa na pesquisa bibliográfica, sobretudo nas reflexões de autores como Vasconcellos (2008), Lévy (1999), Hall (1999), entre outros que serviram de base para a fundamentação teórica.

Palavras-chave: Escola. Cultura. Tecnologia. Aprendizagem.

A B S T R A C T

The school is a social institution that disseminates knowledge produced throughout the history of mankind, thus, subjects who make use of this construction unit and promotion of knowledge need to find an environment that stimulates the practice of the studies and the production of knowledge. Treatment of the culture of each individual by the school can strengthen ties and bring the subject to the world of learning, something that enriches the teaching practices and values the plurality identity. The technologies present in contemporary society are tools approached in various social spaces, including the school, a factor that needs to be identified and worked in teaching methodologies, as digital media are interactive mechanisms, information and assistance for building innovative ways learning. This work aims to highlight the factors culture and technology in interactive perspective and helper in the teaching-learning process of the subjects digital students. The methodology used for such discussions lies in the literature, especially in the reflections of authors such as "Vasconcellos" (2008), Levy (1999), Hall (1999), among others that were the basis for the theoretical foundation.

KEYWORDS: School. Culture. Technology. Learning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 INTERAÇÃO E APRENDIZADO NA ESCOLA: dualidade que se propaga com a tecnologia e valorização cultural	11
1.1 CULTURA E CULTURA TECNOLÓGICA.....	12
1.2 APRENDIZAGEM NO ESPAÇO ESCOLAR: processo que pode ser estimulado com a interatividade e valorização de sujeitos	15
1.3 ESCOLA: ambiente de múltiplas culturas	18
1.4 PROFESSOR: um articulador fundamental no processo de aprendizagem.....	22
2 IDENTIDADES DO SUJEITO NO AMBIENTE ESCOLAR: um olhar plural e tecnológico	25
2.1 PLURALIDADE IDENTITÁRIA DOS DISCENTES.....	26
2.2 OS SUJEITOS DIGITAIS DO ENSINO MÉDIO: anseios e desafios.....	29
2.3 APRENDENDO COM AS “DIFERENÇAS” E TECNOLOGIAS NA ESCOLA ...	32
3 TECNOLOGIA NA ESCOLA: uma realidade inovadora e atrativa	36
3.1 AS MÍDIAS DIGITAIS E O AMBIENTE ESCOLAR	36
3.2 TECNOLOGIA E USO: dificuldades e aceitação do professor para promoção da aprendizagem.....	38
3.3 A ESCOLA E SEUS SUJEITOS DIGITAIS: fatores de encontros e desencontros.....	41
4 CONCLUSÃO	45
REFERÊNCIAS	46

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea lida com inúmeros desafios situados nos campos geográfico, econômico, social e cultural. Em função disto, esses aspectos repercutem diretamente na vida dos sujeitos, sobretudo no que diz respeito às condições dos serviços que lhes são ofertados. A escola como espaço de formação atua na disseminação de conhecimentos articulados, cuja finalidade é contribuir para a formação cidadã. Por isso o SER sujeito depende, além da formação adquirida no seio da família, da qualidade do ensino no ambiente acadêmico.

O espaço escolar é um ambiente interativo em que ocorre a presença de inúmeros sujeitos que trazem consigo uma bagagem de vivências de mundo, informações novas e culturas diferenciadas, algo que proporciona uma observação mais atenta da realidade e das possibilidades de promover uma educação mais participativa e com perspectivas inovadoras.

O objetivo deste trabalho é discutir alguns fatores que auxiliam a promoção da aprendizagem na escola como a valorização das culturas dos sujeitos no espaço escolar, que potencializa o universo do conhecimento, o reconhecimento das identidades, e a tecnologia que é uma ferramenta que engloba recursos interativos e circunda o mundo globalizado, assim evidenciar a interatividade no processo de ensino-aprendizagem no uso das mídias digitais e o valor cultural que cada indivíduo adquire e aperfeiçoa.

A motivação para esta pesquisa se deve ao fato de vivermos em uma sociedade cada vez mais competitiva, dessa forma, a escola passa a ser vista como fator relevante na preparação de indivíduos com conhecimentos múltiplos e habilidades para atuar no meio social. Assim, buscar inovar nas metodologias e práticas pedagógicas com emprego de recursos tecnológicos e valorização cultural pode possibilitar a permanência dos indivíduos no ambiente escolar, visualização das identidades e o desenvolvimento da aprendizagem, portanto, promover uma melhor atuação dos sujeitos. Nesta perspectiva, o ensino passa a ser refletido pelos atores educacionais que podem aperfeiçoar suas práticas, complementar o projeto político pedagógico e promoverem a difusão e assimilação dos conhecimentos de forma diversificada.

O nosso discurso será fundamentado em uma pesquisa de cunho bibliográfico. Para isso, recorreremos a diversos autores para consolidar nossos pensamentos e reflexões como Vasconcellos (2008), Freire (1997, 2005), Hall (1999), Carrano (2000, 2007), Gohn (2001), Lévy (1999), Moran (2000), Silva (2002) entre outros.

A estrutura do nosso trabalho se configura da seguinte forma: no primeiro capítulo destacamos a interação entre cultura e cultura tecnológica, a escola como ambiente de múltiplas culturas, a aprendizagem com a interação e valorização de sujeitos e a atuação do professor no processo de aprendizagem. No segundo, tratamos da identidade do sujeito no ambiente escolar, dos sujeitos digitais e do aprendizado com as diferenças e tecnologias. No terceiro capítulo, evidenciamos as mídias digitais, o uso das tecnologias e a escola e seus sujeitos digitais.

Dessa forma, compreendemos que a atuação da escola no tratamento de suas metodologias pode propiciar aos sujeitos discentes um ambiente mais atrativo, dinâmico com o processo de ensino-aprendizagem, compreensivo com a diversidade cultural e vinculado a realidade contemporânea no uso das tecnologias.

1 INTERAÇÃO E APRENDIZADO NA ESCOLA: DUALIDADE QUE SE PROPAGA COM A TECNOLOGIA E VALORIZAÇÃO CULTURAL

A escola é um ambiente de interatividade entre segmentos internos (alunos, professores e demais funcionários) e externos (família, comunidade e outros), exercendo, assim, parcerias que auxiliam na construção de uma sociedade mais crítica, reflexiva, portadora de saberes históricos e de habilidades comunicativas e produtivas.

A instituição escolar deve primar pelo bom desempenho das atividades que nela são executadas, como a aprendizagem, esta precisa ser um pilar mestre para o bom desenvolvimento dos objetivos traçados no projeto político pedagógico. Assim, proporcionar formas diversificadas no tratamento de ensino pode instigar maiores chances de aprendizado pelos discentes.

As metodologias vigentes na escola precisam estar em consonância com valores culturais e tecnológicos, tendo em vista a diversidade e a produção midiática presente na sociedade contemporânea. Refletindo sobre a diversidade brasileira, os PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais (2001, p. 21) destacam que:

A coexistência da ampla diversidade étnica, lingüística e religiosa em solo brasileiro coloca a possibilidade da pluralidade de alternativas. De certa forma, é como se o plural que se constata, seja no convívio direto, seja por outras mediações, evidenciasse e ampliasse o plural que potencialmente está em cada um. Assim, o princípio de liberdade se afirma nas possibilidades múltiplas de cada um, na polissemia subjetiva que permite escolhas e novos encontros

Dessa forma, é preciso reconhecer a diversidade presente na escola, em especial no campo cultural, para valorizar e consolidar as estruturas sociais que auxiliam o desenvolvimento humano. A cultura mostra-se como produto das ações do homem na relação com outros indivíduos e com o que estes produzem, como a produção tecnológica, pois “as tecnologias são produtos de uma sociedade e de uma cultura” (LÉVY, 1999, p. 22).

1.1 Cultura e cultura tecnológica

As sociedades se desenvolveram à medida que o homem observava seu espaço e os elementos que nele se abrigavam transformando-os futuramente em objetos ou meios para garantir sua sobrevivência. Aos passos dos avanços históricos as populações cresceram, estimularam relações, travaram combates e produziram formas de crenças, economias e culturas.

A produção cultural da humanidade é imensa em cada continente, país, estado ou cidade. Mas, o que de fato vem ser a cultura? E para esta indagação apresentamos uma definição apontada pelos PCN (2001, p. 43).

A cultura é o conjunto de códigos simbólicos reconhecíveis pelo grupo a partir dos quais se produz conhecimento: neles o indivíduo é formado desde o momento de sua concepção nesses mesmos códigos e, durante a infância, aprende os valores do grupo. Por intermédio deles é mais tarde introduzido nas obrigações da vida adulta, da maneira como cada grupo social as concebe.

Dessa forma, a cultura pode ser vista como a manifestação de traços de um grupo que são passados de geração para geração, e cada um deles contribui para a manutenção e crescimento da mesma. Quando se estuda a cultura ocorre o favorecimento das análises das mudanças que acontecem na sociedade. Corroborando essa compreensão, Santos (1996, p. 44) afirma que:

O estudo da cultura exige que consideremos a transformação constante por que passam as sociedades, uma transformação de suas características e das relações entre categorias, grupos e classes sociais no seu interior. [...] Cultura é uma dimensão do processo social, da vida em sociedade.

A sociedade não é estática, dessa forma, tende a se transformar constantemente o que causa mudanças nas estruturas que a configuram como nos indivíduos que a povoam. Cada membro social é portador de cultura seja ela erudita ou rudimentar, assim, não existe apenas uma única cultura, mas uma pluralidade delas que se combinam e se enraízam.

A cultura também pode assumir um sentido de sobrevivência e resistência conforme destacam os PCN (2001, p. 44).

A cultura pode assumir um sentido de sobrevivência, estímulo e resistência. Quando valorizada, reconhecida como parte indispensável das identidades individuais e sociais, apresenta-se como componente do pluralismo próprio da vida democrática. Por isso, fortalecer a cultura de cada grupo social, cultural e étnico que compõe a sociedade brasileira, promover seu reconhecimento, valorização e conhecimento mútuo, é fortalecer a igualdade, a justiça, a liberdade, o diálogo e, portanto, a democracia.

Quando ocorre a valorização cultural também acontece o fortalecimento da democracia, pois os sujeitos passam a ser visualizados nas suas riquezas de etnias, crenças, costumes e vivências de grupo. Dessa forma, ao praticar o reconhecimento da diversidade do povo abre-se caminho para a organização dos espaços sociais e a participação mais ativa da coletividade.

A diversidade das sociedades não está resumida simplesmente na genética, mas na cultura. Segundo os PCN (2001, p. 45):

A diversidade das sociedades humanas não se explica pela diferença genética – a variação dos caracteres genéticos internos de qualquer grupo é muito grande -, as sim pela cultura. A divisão biológica da espécie humana não implica hierarquia, ainda que diferentes visões de mundo expliquem de múltiplas formas a diversidade humana. Do ponto de vista de dignidade, de Direitos Universais, há uma só humanidade.

Os homens são distintos no físico e no comportamento, mas se assemelham quando estão mergulhados em suas culturas e nos seus valores formadores da dimensão humana. A humanização é a forma mais sutil para entrelaçar culturas e despertar a importância de cada indivíduo, pois ela atua na evolução do homem e nas suas aptidões.

Além da cultura que se realiza nas vivências dos indivíduos a sociedade moderna proporcionou o desenvolvimento da cultura tecnológica, a tecnologia passou a moldar muitas áreas. De acordo com Rodrigues (2001, p. 76-77):

A tecnologia é o pano de fundo, o próprio quadro referencial, no qual todos os outros fenômenos sociais ocorrem. Ela molda nossa mentalidade, nossa linguagem, nossa maneira de estruturar o pensamento, inclusive a nossa maneira de valorar. [...] Por outro lado, toda cultura tem seus valores arraigados. Esses valores são questionados na medida em que a sociedade tecnológica evolui.

As tecnologias passam a condicionar as culturas, pois se mostram penetradas nas mais variadas ações desempenhadas pelo homem, este que no início se aproximou do processo de utilização tecnológica para beneficiar-se no processo produtivo e agora faz seu uso nas mais variadas atividades presentes do seu cotidiano.

Segundo Gohn (2001, p. 30), “a cultura sempre aparece associada a processos de mudança e transformação social, como mola propulsora de mudanças sociais”, assim, a cultura tecnológica se apresenta como fator de transformação dos hábitos e potencialidades dos indivíduos nos espaços da sociedade, favorecendo avanços nas relações humanas como também nas pesquisas científicas que buscam a eliminação de doenças.

Para Santos (1996, p. 77) “a ciência e a tecnologia são aspectos da cultura por causa do impacto direto que têm nos destinos das sociedades atuais”, dessa forma, a cultura tecnológica se mostra como ferramenta de impactos complexos, pois ao mesmo tempo em que traz benefícios ao homem também proporciona prejuízos ao mesmo, por exemplo, as armas com teor tecnológico, que são grandes potencialidades no uso da tecnologia, mas que são utilizadas na mutilação de vidas humanas em guerras.

A utilização das tecnologias se torna fundamental para exercer diversas funções no mundo contemporâneo, como dinamizar repasses de informações e conhecimentos, assim, a escola também entra como usuária da cultura tecnológica inovando em práticas pedagógicas para construir caminhos de aprendizagem no uso dos novos recursos midiáticos existentes.

No campo educacional as tecnologias exercem papel fundamental de auxílio e aproximação da aprendizagem, sobretudo na educação especial como afirma Carvalho (2001, p. 67):

[...] a informática e as demais tecnologias de informação e comunicação não representam um fim em si mesmas. São procedimentos que poderão melhorar as respostas educativas da escola e contribuir, no âmbito da educação especial, para que alunos cegos, surdos, com retardo mental, com paralisia cerebral, paraplégicos, autistas, multideficientes, superdotados, dentre outros, possam atingir maior qualidade nos seus processos de aprendizagem e de exercício da cidadania.

Portanto, as tecnologias se mostram relevantes para dinamizar as ações dos indivíduos não só no campo da educação, mas também nas relações ocorridas no cotidiano destes. A cultura como complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente, também é situada na tecnologia, ressaltando valores e criando meios de produção e interação.

1.2 Aprendizagem no espaço escolar: processo que pode ser estimulado com a interatividade e valorização de sujeitos

A aprendizagem pode ser considerada como um processo mútuo, assim, requer uma atuação participativa entre os sujeitos que a promovem e os que a assimilam. Dessa forma, o discente ao aprender algo novo passa a vivenciar expectativas no espaço que habita favorecendo uma nova observação sobre a realidade.

A escola, com seus atores educacionais, precisa estimular uma aprendizagem produtiva em que ações de mudanças sejam disseminadas na busca de uma melhor atuação dos discentes na sociedade. Porém, o aprendizado é algo que necessita de olhares atentos dos docentes com suas práticas pedagógicas e dos alunos com suas escolhas e atuação no espaço escolar.

Segundo Vasconcellos (2008, p. 28) “a aprendizagem não é um processo mecânico, mas, muito pelo contrário, ativo e, mais do que isto, voluntário, qual seja, para conhecer o sujeito precisa sentir necessidade, querer estar mobilizado”. Assim, buscar novos meios para aproximar os alunos do universo da aprendizagem é uma iniciativa imprescindível para o professor, mesmo que se mostre desafiadora.

A escola precisa atuar numa diretriz intencional e planejada quanto à dimensão da aprendizagem como aborda Pinto (1979, p.38 *apud* VASCONCELLOS, 2008, p. 38):

A aprendizagem não é mais individual, espontânea, por ensaios e erros, sem acumulação e transmissão social, conforme fora em períodos anteriores, porém se faz organizadamente, com a poupança dos esforços pessoais, em virtude da descoberta e difusão das técnicas de transmissão direta, oral ou escrita, do conhecimento, entre indivíduos ou entre gerações, o que supõe o caráter coletivo, social do conhecimento, agora constituído por progressiva acumulação histórica.

A educação escolar tem finalidades e objetivos a serem alcançados, não é uma ação aleatória, mas com significação e iniciativas de mudança, dessa forma, o processo de aprendizagem precisa acompanhar a progressão histórica dos avanços da humanidade, por exemplo, a tecnológica, que incorpora novas formas de interatividade no processo comunicativo.

Sobre a interatividade Silva (2002, p. 20) afirma que:

A interatividade é a disponibilização consciente de um *mais comunicacional* de modo expressivamente complexo, ao mesmo tempo atentando para as *interações* existentes e promovendo mais e melhores *interações* – seja entre usuário e tecnologias, digitais ou analógicas, seja nas relações “presenciais” ou “virtuais” entre os seres humanos. (Grifo do autor)

A interatividade proporciona meios de interação em ambientes diversificados, não se limitando aos espaços virtuais e nem as tecnologias, mas são estes fatores que auxiliam sua promoção e fazem o seu *marketing*, assim, é facilmente identificado na sociedade contemporânea o crescente número de indivíduos que buscam alguma forma interativa de comunicação para expandir laços sociais.

Para Lévy (1999, p. 79) “o termo ‘interatividade’ em geral ressalta a participação ativa do beneficiário de uma transação de informação”. Dessa forma, quando o docente inova em suas práticas de ensino promovendo uma participação ativa dos seus discentes nas atividades de aprendizagem o mesmo atua de forma interativa.

A participação é a marca da interatividade, assim, o docente não deve se limitar apenas ao uso das tecnologias para despertar a atuação dos discentes nas aulas, mas começar a visualizar os recursos existentes no espaço escolar e colocá-los em evidência e uso constante, pois são as mudanças simples que fazem significativas diferenças no processo de ensino-aprendizagem.

O processo de interatividade no âmbito escolar é necessário para estimular o desenvolvimento dos potenciais de cada indivíduo, pois cada ser passa a estar comprometido na ação participativa do processo educativo, seja ele docente ou discente, pois o comando interativo permeia o lado da reciprocidade, resultando em comandos que ligam o ensinar e o aprender.

Segundo Lévy (1999, p. 171), o professor precisa saber que:

Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um animador da inteligência coletiva dos grupos que estão a seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca dos saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem etc.

Assim, fica evidenciada a importância da atuação do docente para o desenvolvimento da aprendizagem, pois o mesmo passa a trabalhar com diretrizes que favorecem o trabalho participativo do alunado, com incentivos e valorização, instigando uma busca pelo conhecimento e acompanhamento das fases de produção de saberes.

A valorização dos sujeitos é fator significativo no campo da educação, pois cada indivíduo passa a sentir-se membro do processo educativo, a atuar com mais participação e compromisso, desviando-se das práticas do individualismo e incorporando a noção de pertencimento do coletivo produtivo, algo que proporciona ações de engajamento e articulação de socialização.

O discente quando identifica que estar sendo valorizado no espaço escolar passa a partilhar de uma nova concepção de acolhimento, pois é tratado com ideais humanos, solidários e sociais, assim, deixa uma abertura para o aprimoramento de relações interativas que promovam a difusão do conhecimento nas interfaces do processo de ensino-aprendizagem.

Um fator que contribui na linha da valorização dos indivíduos é a prática do diálogo, uma ação que proporciona aproximação de culturas, saberes e vivências de mundo. E sobre a prática dialética Freire (2005, p. 91) afirma que:

[...], o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes.

O diálogo no espaço escolar passa a ser fator de encontro e interação, pois cada membro que se insere na ação educativa começa a compartilhar valores de humanização, não se rendendo a prática de depósito de conteúdos, mas refletindo nas questões pedagógicas e nas ações que possibilitem resgatar a dignidade e a participação de cada discente nas atividades executadas na escola.

Segundo Moscovici (1997, 91), “o homem pleno, feliz, de sucesso que chega a ter expressão maior como ser humano é aquele que desenvolve as quatro dimensões: a física, a intelectual, a emocional e a espiritual”. Dessa forma, a escola precisa atuar na dimensão intelectual para favorecer o educando condições de desenvolvimento, para que este venha a resolver problemas, inovar, aprender, se especializar e adquirir novos conhecimentos.

Assim, a aprendizagem se mostra como um processo que se consolida com ações de todos os envolvidos no processo educativo, quanto mais participação ocorrer mais chances de êxitos são esperadas, dessa forma, as iniciativas de trabalhar com a interatividade e valorização no espaço escolar se mostram como ferramentas produtivas e atrativas para acrescentar e enriquecer as políticas pedagógicas da escola.

1.3 Escola: ambiente de múltiplas culturas

A sociedade contemporânea é repleta de singularidades, como o caráter multicultural, os novos espaços geográficos e sociais estão situados como ambientes de várias culturas, pois a dinamicidade dos sujeitos variou no decorrer da História promovendo novas instâncias de pensamento, comportamento, valores e crenças, a escola não poderia ficar alheia nessa mudança.

O ambiente escolar já é dotado de cultura, pois não há campo educacional que não esteja imerso na cultura da humanidade, e de forma indissolúvel, do momento histórico que se situa. Os conhecimentos que são disseminados e produzidos na escola são produtos de indivíduos que atuaram e atuam socialmente de forma interligada com referências culturais.

A escola pode ser considerada como uma instituição cultural, assim, não é pertinente utilizar a expressão independente entre cultura e a mesma, pois entre estes fatores existem um entrelaçamento, como ocorre com os fios na teia de aranha, mas neste caso, os fios culturais e institucionais são modelados no cotidiano de forma articulada tendo em vista as práticas educativas.

Segundo Sacristán (2001, p. 21):

A educação contribuiu consideravelmente para fundamentar e para manter a ideia de progresso como processo de marcha ascendente

na História; assim, ajudou a sustentar a esperança em alguns indivíduos, em uma sociedade, em um mundo e em um porvir melhores. A fé na educação nutre-se da crença de que esta possa melhorar a qualidade de vida, a racionalidade, o desenvolvimento da sensibilidade, a compreensão entre os seres humanos, o decréscimo da agressividade, o desenvolvimento econômico, ou o domínio da fatalidade e da natureza hostil pelo progresso das ciências e da tecnologia propagadas e incrementadas pela educação. Graças a ela, tornou-se possível acreditar na possibilidade de que o projeto ilustrado pudesse triunfar devido ao desenvolvimento da inteligência, ao exercício da racionalidade, à utilização do conhecimento científico e à geração de uma nova ordem social mais racional.

Assim, é notada a utopia que circulou e circula a educação escolar, pois indivíduos são condicionados a uma crença de transformação benéfica e redentora ao situarem-se no campo educacional, mas sem executarem uma análise crítica das adversidades existentes na sociedade, pois estas são “camufladas”, consequentemente distanciadas das múltiplas culturas existentes.

O aprendizado dos alunos está atrelado ao cruzamento de culturas produzidos na escola como aborda Gómez (1998, p. 17):

O responsável definitivo da natureza, sentido e consistência do que os alunos e alunas aprendem na sua vida escolar é este vivo, fluido e complexo cruzamento de culturas que se produz na escola entre as propostas da *cultura crítica*, que se situa nas disciplinas científicas, artística e filosóficas; as determinações da *cultura acadêmica*, que se refletem no currículo; as influências da *cultura social*, constituídas pelos valores hegemônicos do cenário social; as pressões cotidianas da *cultura institucional*, presente nos papéis, normas, rotinas e ritos próprios da escola como instituição social específica, e as características da *cultura experiencial*, adquirida por cada aluno através da experiência dos intercâmbios espontâneos com seu entorno. (Grifos do autor)

O universo escolar é caracterizado por relações de culturas, que são rodeadas por tensões e conflitos. Porém, são estes desafios que servem de aprimoramento às atividades exercidas e traçadas pelo projeto político pedagógico da escola, este que necessita buscar meios de trabalhar e interagir com a cultura experimental em parceria com as culturas crítica, social e institucional.

A visualização da dimensão cultural pela escola é imprescindível para potencializar processos de ensino-aprendizagem mais significativos para todos os discentes. Assim, é uma ação que repercute nas diferenças culturais (étnicas,

religiosas, de gênero, orientação sexual entre outras), instigando uma abertura comunicativa de tratamento com as diferenças e valorização de sujeitos.

Para que o processo de aprendizagem seja enriquecido no ambiente escolar é necessário adotar um ensino multicultural na escola, e isso ocorre com escolhas pedagógicas éticas e políticas como aborda Forquin (2000, p. 61):

[...] um ensino pode estar endereçado a um público culturalmente plural, sem ser, ele mesmo, multicultural. Ele só se torna multicultural quando desenvolve certas escolhas pedagógicas que são, ao mesmo tempo, escolhas éticas ou políticas. Isto é, se na escolha dos conteúdos, dos métodos e dos modos de organização no ensino, levar em conta a diversidade dos pertencimentos e das referências culturais dos grupos de alunos a que se dirige, rompendo com o etnocentrismo explícito ou implícito que está subtendido historicamente nas políticas escolares “assimilacionistas”, discriminatórias e excludentes.

O tratamento da diversidade cultural presente na escola possibilita a integração dos sujeitos discentes nas atividades escolares ao mesmo tempo em que minimiza as tensões geradoras de discriminação e exclusão, favorecendo as relações sociais e as práticas de convivência com as diferenças existentes no espaço escolar e na sociedade.

A não aceitação de culturas presentes na escola ou mesmo na sociedade pode favorecer o surgimento do preconceito e posteriormente da discriminação, fator que causa sérios danos aos indivíduos que sofrem essas ações negativas. No espaço escolar, a problemática da discriminação pode prejudicar o rendimento do aluno ou fazer com que o mesmo abandone os estudos, assim, a instituição de ensino assume um papel fundamental nessa questão, a de conduzir o problema a uma solução e reverter o quadro negativo em um espaço de aprendizado.

Uma ação para coibir a prática da discriminação na escola é trabalhar com o discernimento como afirma os PCN (2001, p. 55):

O discernimento é indispensável, de maneira particular, quando ocorrem situações de discriminação no cotidiano da escola. Enfrentar adequadamente o ocorrido significa tanto não escapar para evasivas quanto não resvalar para o tom de acusação. Se o professor se cala, ou trata do ocorrido de maneira ambígua, estará reforçando o problema social; se acusa, pode criar sofrimento, rancor e ressentimento. Assim, discernir o ocorrido, no convívio, é tratar com firmeza a ação discriminatória, esclarecendo o que é o respeito mútuo, como se pratica a solidariedade, buscando alguma atividade

que possa exemplificar o que diz, com algo que faça, junto com seus alunos.

Quando o docente atua com o discernimento sobre as questões de discriminação promove a abertura do reconhecimento da dignidade de cada indivíduo, algo que favorece a aceitação das múltiplas culturas existentes nos espaços sociais e estimula um espaço de solidariedade e respeito entre os alunos, sem deixar de lado o compromisso com a aprendizagem, pois a prevenção e resolução de conflitos é mecanismo coerente com o projeto político pedagógico.

A escola é cogitada como um espaço para todos, mas isso só é possível quando ocorre o reconhecimento da diversidade cultural presente na mesma, pois não seria ambiente para toda a coletividade se apenas uma parcela fosse identificada nas suas referências culturais, enquanto outras são negligenciadas pela indiferença. Assim, é repassada uma competência à escola como afirma Sá (2001, p. 13):

À escola competirá a organização de um ambiente cultural que permita a maturação de cada indivíduo no respeito pelos aspectos éticos, cívicos e técnicos, harmoniosamente interligados, humanizando o ensino de modo a que faça evoluir o processo cognitivo e relacional, que possibilite o desenvolvimento de atitudes responsáveis nos jovens, que lhes permitam assumir a responsabilidade pelos seus atos e a capacidade de tomar decisões perante si próprios, perante o grupo e a sociedade em que vivem, aprendendo a participar com autenticidade na construção do bem comum.

A atuação da escola na questão cultural é fator preponderante para o desenvolvimento de atitudes conscientes e responsáveis pelos sujeitos discentes, bem como da sociedade, que necessita estimular iniciativas de valorização das múltiplas culturas existentes em seus segmentos, para que dessa forma, possa ocorrer uma disseminação de práticas de inclusão social e cultural.

A integração do tratamento cultural na escola é ao mesmo tempo a integração dos alunos na comunidade escolar, proporcionando a estes indivíduos aprendizagem e aptidões para se realizarem de forma produtiva na sociedade que os abriga, pois as salas de aula tornaram-se microcosmos da diversidade social e a compreensão transcultural tornou-se uma condição indispensável para o estabelecimento da aprendizagem no ambiente escolar.

Portanto, é identificado que o espaço escolar é um ambiente de várias culturas, e que estas devem ser reconhecidas e colocadas como protagonistas no processo de ensino-aprendizagem para o fortalecimento de práticas sociais que valorizem os indivíduos nas suas diferenças e potencialidades, evitando a discriminação cultural e enaltecendo vínculos de respeito mútuo na sociedade.

1.4 Professor: um articulador fundamental no processo de aprendizagem

A escola é um instrumento social que trabalha com conhecimentos produzidos pelo homem no decorrer da história, assim, atua no relacionamento de fatos que circundam a sociedade e seus indivíduos. As atividades que são trabalhadas nesta instituição têm como objetivo básico o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, uma ação que necessita da participação de vários atores, em especial, a do professor.

Com as mudanças sociais o docente passou a exercer um trabalho mais “árduo”, mas não irrelevante, mesmo que sua valorização não percorra os melhores setores da sociedade. E sobre a situação dos professores com estas transições Esteves (1991, p. 97 *apud* VASCONCELLOS, 2008, p. 15) afirma:

A situação dos professores perante a mudança social é comparável à de um grupo de atores, vestidos com traje de determinada época, a quem sem prévio aviso se muda o cenário, em metade do palco, desenrolando um novo pano de fundo, no cenário anterior. Uma nova encenação pós-moderna, colorida e fluorescente, oculta a anterior, clássica e severa. A primeira reação dos atores seria surpresa. Depois, tensão e desconcerto, com um forte sentimento de agressividade, desejando acabar o trabalho para procurar os responsáveis, a fim de, pelo menos, obter uma explicação. Que fazer? Continuar a recitar versos, arrastando largas roupagens em metade de um cenário pós-moderno, cheios de luzes intermitentes? Parar o espetáculo e abandonar o trabalho? Pedir ao público que deixe de rir para que ouçam os versos? O problema reside em que, independentemente de quem provocou a mudança, são os atores que dão a cara. São eles, portanto, quem terá que encontrar uma saída honrosa, ainda que não sejam os responsáveis.

O cenário escolar como a própria sociedade se encontra em condições diferentes comparadas com décadas anteriores, os desafios do ensino não se prendem apenas aos conteúdos, mas a outras facetas que transitam na esfera

social, como a violência. Diante de tantas faces negativas o professor atua como um indivíduo de superação, pois passa a enfrentar desafios no cotidiano escolar e a buscar soluções sem perder as perspectivas positivas da profissão quanto a promoção da aprendizagem.

O professor, como agente da mediação do conhecimento no espaço escolar, é um profissional intelectual como afirma Vasconcellos (2008, p. 16):

O professor é intelectual por ser humano (embora esta obviedade seja, não raras vezes, ignorada ou negada), e deve ser intelectual também por exercer o papel de formador das novas gerações. Isto significa que não pode ficar na manifestação imediata das coisas, no fenômeno; precisa ir além, procurando resgatar a tecitura que compõe o real.

O trabalho executado pelo professor em sala de aula estar envolvido com a formação das novas gerações, assim, as atividades que percorrem o ensino precisam estar vinculadas a realidade, as novas mudanças e desafios do mundo contemporâneo e globalizado, para que dessa forma, possa garantir o melhor desempenho dos discentes na sociedade.

O processo de aprendizagem não é algo simples, pois requer uma participação de muitos fatores como um ambiente adequado, bons materiais didáticos, profissionais especializados, discentes engajados entre outros, por isso, sempre serão válidas iniciativas que proponham incrementar novidades a este processo, como o uso das novas tecnologias, pois esta inovação pode resultar no desenvolvimento da educação e de seus modelos de ensino.

O trabalho do docente se relaciona ao aprendizado, pois atua na interface de fazer com que o outro aprenda e se desenvolva, mas é um processo que requer articulação como aborda Vasconcellos (2008, p. 51-52):

Ser professor, na acepção mais genuína, é ser capaz de fazer o outro aprender, se desenvolver criticamente. Como a aprendizagem é um processo ativo, não vai se dar, portanto, se não houver articulação da proposta de trabalho com a existência do aluno; mas também do professor, pois se não estiver acreditando, se não estiver vendo sentido naquilo, como poderá provocar no aluno o desejo de conhecer?

Dessa forma, o professor precisa avaliar sua proposta de trabalho, identificar os sentidos dos conteúdos à realidade dos alunos, articular-se nas metodologias

pedagógicas para provocar atitudes positivas no espaço escolar, pois a aprendizagem necessita dessa ação ativa que leva ao desprendimento da “mesmice” e evita a acomodação dos profissionais preocupados com a qualidade do processo de ensino-aprendizagem.

Para Vasconcellos (2008, p. 61) “o educando tem necessidade de estruturas de conhecimento (organização das informações), de capacidade crítica, de ser despertado para outros campos do saber, o que pede uma mediação qualificada”. Assim, o trabalho do docente se apresenta como fator de relevância, pois seu caráter mediador auxilia o educando a desenvolver suas necessidades e com isso melhorar sua atuação socialmente.

É sabido que o conhecimento não é depositado na cabeça do aluno pelo professor, muito menos que o aluno sozinho se familiariza com o conhecimento de forma espontânea. Assim, é necessária a mediação do docente que segundo Vasconcellos (2008, p. 61) visa provocar, dispor e interagir para fazer com que o discente se desenvolva criticamente no campo do conhecimento.

O professor no tratamento da aprendizagem precisa atuar também com as potencialidades culturais existentes no ambiente escolar, pois a diversidade é uma ferramenta que reúne valores, práticas, objetos e conhecimentos de indivíduos e do universo que estes habitam, assim, considerar a variedade cultural se torna um fator relevante para propagação e articulação de saberes científicos e de mundo.

Para os PCN (2004, p. 13) “a cultura, o saber e o patrimônio cultural da comunidade são parte integrante e indispensável do currículo de uma escola que contribui para a formação humana das crianças, adolescentes e jovens”. Assim, ao trabalhar com a cultura o docente aprimora as práticas pedagógicas juntamente com os planos de ensino, algo que favorece uma relação mais dinâmica no desenvolvimento da aprendizagem.

Dessa forma, os atores educacionais que trabalham na mediação dos saberes se mostram como elementos essenciais para o desenvolvimento da aprendizagem na escola, pois são conhecedores e usuários dos múltiplos campos do conhecimento, algo que favorece no reconhecimento de valores e potenciais existentes no espaço escolar, sobretudo nas contribuições culturais que cada indivíduo ou comunidade pode apresentar.

2 IDENTIDADES DO SUJEITO NO AMBIENTE ESCOLAR: UM OLHAR PLURAL E TECNOLÓGICO

A diversidade dos indivíduos é fator de relevância, pois cada ser contribui com suas variações de valores, crenças e habilidades para a formação da comunidade que pertence. Nessa perspectiva da variação entre os sujeitos estão os fatores do pertencimento e da identidade e sobre eles Bauman (2005, p. 17) argumenta:

[...] o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais para o “pertencimento” quanto para “identidade”.

O indivíduo tem sua identidade construída com as contribuições ofertadas pela sociedade e pelas suas adesões e recusas, dessa forma, não se cristaliza, mas vai sempre se renovando no pertencimento social e nas culturas que o rodeiam. Assim, as identidades dos sujeitos também são construídas por escolhas destes ou por influências de outros como defende Bauman (2005, p. 19):

As “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constantemente para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente.

A construção identitária é uma ação que se permeia nas idas e vindas dos sujeitos nos espaços transitados por estes, e são as iniciativas próprias que favorecem o desenvolvimento da identidade seguido das contribuições da coletividade social. Dessa forma, evidenciar a identidade e seu tratamento nos espaços sociais se torna algo relevante como aborda Bauman (2005, p. 23) “a ‘identidade’ é o ‘papo do momento’, um assunto de extrema importância e em evidência”.

O ambiente escolar é local propício para o reconhecimento e valorização das identidades dos sujeitos, é nele que encontramos os mais variados traços e perfis identitários, homologados por culturas enraizadas ou contemporâneas. Assim, não

encontraremos uma única identidade de sujeitos na escola, mas várias, e com estas podem ocorrer uma identificação como Hall (1999, p. 13) defende:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar.

As identidades são fatores que devem ser analisados no trabalho pedagógico, especialmente por apresentarem o caráter da multiplicidade, pois a contribuição que cada uma traz é rica para o processo de ensino-aprendizagem, favorecendo o tratamento coletivo e individual dos discentes e as relações destes com o aprendizado.

2.1 Pluralidade identitária dos discentes

O ambiente escolar é rodeado por inúmeros modelos de pluralidade, como as disciplinas ministradas, corpo docente, comunidade que acolhe e os próprios discentes. Estes são uma parcela significativa na atuação do processo de aprendizagem, são sujeitos que estão se fragmentando quanto à identidade, já que a sociedade não é mais unificada, mas cada dia mais plural como evidencia Hall (1999, p. 12), “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas contraditórias ou não resolvidas”.

O aluno do ensino médio é indivíduo que apresenta contradições identitárias, com seus desejos, medos, consumo, desafios e espaços que ocupa, muita das vezes pela fase que se encontra, a adolescência, esta que envolve processos de perdas e ganhos, a aceitação de uma imagem do corpo em mudança, como resultado da fase da puberdade e as concepções de pertencimento de grupos com idéias semelhantes. Sobre a adolescência, Amaral (2007, p. 6) afirma que:

[...] é uma fase da vida de profundas mudanças fisiológicas e psicológicas. A puberdade marca uma enorme explosão hormonal, acompanhada de uma fase de crescimento orgânico acelerado. Paralelamente, há o aspecto cultural de introdução do jovem nas responsabilidades da vida adulta. Como todas essas mudanças se dão de uma maneira muito rápida, o adolescente pode se sentir

confuso e ansioso, vivenciando essa fase como um momento doloroso.

As mudanças ocorridas no processo da adolescência em determinados casos não ocorrem com tranquilidade. Algumas vezes, ele se configura como doloroso angustiante e problemático. O que gera as chamadas crises de identidades, momentos importantes para o desenvolvimento, pois o sujeito passa a redefinir seu modo de ser, estar e atuar no mundo. No sentido mais amplo, sobre a crise identitária, Hall (1999, p. 7) comenta:

[...] “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

Os jovens passam por fases transitórias, o que os desvinculam da estabilidade identitária. Segundo Amaral (2007, p. 4), “a identidade é definida pela relação do indivíduo, na relação com outros indivíduos, isto é, cada indivíduo se completa e se efetiva no relacionamento com os que estão à sua volta, em seu convívio”, assim, os sujeitos discentes também constroem suas identidades no espaço escolar, na interação entre colegas, grupos e manifestações culturais de aprendizagem adotadas pelo processo pedagógico da escola.

A pluralidade das identidades dos discentes também é promovida pela pluralidade cultural do nosso país, num processo histórico com aspectos econômicos e políticos como aborda os PCN (2001, p. 28):

A pluralidade cultural existente no Brasil é fruto de um longo processo histórico de interação entre aspectos políticos e econômicos, no plano nacional e internacional. Esse processo apresenta-se como uma construção cultural brasileira altamente complexa, historicamente definida e redefinida continuamente em termos nacionais, apresentando características regionais e locais. Coexistem aqui culturas singulares, ligadas a identidades de origem de diferentes grupos étnicos e culturais. Essa composição cultural tem se caracterizado por plasticidade e permeabilidade, incorporando em seu cotidiano a criação e recriação das culturas de todos esses povos, sem diluí-las, ao mesmo tempo em que permite seu entrelaçamento. Nesse entrelaçamento de influências recíprocas, configura-se a permanente elaboração e redefinição da identidade nacional, em sua complexidade.

O entrelaçamento cultural é fator que enriquece os laços sociais, são as contribuições de cada etnia que favorecem a disseminação da existência das identidades, não mais cristalizadas, mas num contexto heterogêneo e múltiplo. Os discentes trazem suas contribuições étnicas para a sala de aula, com isso, apresentam suas singularidades culturais e personalizam ou não suas identidades de sujeitos interativos.

As escolas estão repletas de sujeitos discentes com anseios diversificados, nessa perspectiva é interessante que a instituição de ensino venha atuar numa diretriz de acolhimento e aproximação com os mesmos, pois “a diversidade marca a vida social brasileira” (BRASIL, 2001, p. 29). Nossos alunos são potencialmente ativos, cabe uma ação estratégica para motivar tal potencial em direção ao conhecimento e aprendizado, e uma valorização de culturas identitárias já seria um bom passo a ser trilhado.

O professor passa a ser um agente fundamental nesta ação, é ele que se depara cotidianamente com seus alunos, com os desafios revelados e vivenciados por estes, ou seja, deve assumir-se como um sujeito de transformação, não de forma branda, mas radical como defende Vasconcellos (2008, p. 77):

O professor deve se assumir como sujeito de transformação no sentido mais radical (novos sentidos, novas perspectivas e dimensões para existência, nova forma de organizar as relações entre homens), e se comprometer também com a alteração das condições de seu trabalho tanto do ponto de vista **objetivo** (salário, carreira, instalações, equipamentos, número de alunos por sala, etc.), quanto **subjetivo** (proposta de trabalho, projeto educativo, relação pedagógica, compromisso social, vontade política, abertura para mudança, disposição democrática, etc.). (Grifos do autor)

Assim, com as inúmeras mudanças recorrentes na sociedade fica evidente que a escola deve evoluir na formação de seus alunos, atuando em diretrizes que proporcionem um melhor relacionamento entre discentes/docentes, revendo práticas pedagógicas, para que dessa forma, os mesmos possam integrar e buscar um ambiente social mais justo e acolhedor, promover a cidadania e uma participação mais crítica no meio em que vivem, para que possam garantir a valorização de suas culturas e a construção de suas identidades.

2.2 Os sujeitos digitais do ensino médio: anseios e desafios

Os jovens do ensino médio são sujeitos com habilidades no manuseio de mídias e estão quase sempre com seus celulares conectados em redes sociais, acessando programas de bate-papo ou fazendo uso de outras tecnologias, assim, interagem numa dinâmica comunicativa e espacial, configurando-os como sujeitos digitais. Porém, o universo desses indivíduos passa por dificuldades para expressar sua maneira de ser e agir no espaço escolar.

A escola, muitas das vezes, não atenta para a diversidade dos jovens existente no seu espaço, tratando-os como fatores homogêneos, mas a marca dessa nova realidade é a heterogeneidade, e isso sinaliza dificuldades como defende Carrano (2000, p.16):

A escola sinaliza dificuldades de lidar com a diversidade que caracteriza esta juventude, sendo a homogeneidade muito mais desejável à cultura escolar do que a noção de heterogeneidade quer seja ela de faixa etária, de gênero, de classe, de cultura regional ou ética.

O tratamento com a diversidade da juventude é algo relevante e deve ser fator de reflexão na escola, não é mais sensato cristalizar a ideia de alunos homogêneos com os mesmos interesses e atitudes, a sociedade atual apresenta jovens com perspectivas diferentes, com agilidades e dinamismo comunicativo, com isso, devem ser identificados como sujeitos de interesses múltiplos que buscam a inserção na sociedade de modo produtivo e atuante.

Conhecer os jovens nas linhas de seus pensamentos e desejos não configura uma missão fácil, mas uma relação de desafios constantes, “no entanto, cada professor sabe que enfrentar esses desafios não é tarefa simples, nem para ser feita solitariamente” (BRASIL, 2001, p. 15). E sobre a juventude, a (UNESCO, 2007, p. 21) considera:

[...] a juventude, por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc.

Dessa forma, tratar da valorização da juventude é beneficiar uma parcela da sociedade na sua dimensão diversificada, é desmistificar os estereótipos que diminuem o potencial desses membros sociais, é planejar o favorecimento das contribuições coletivas que estes jovens irão desempenhar na vida profissional, acadêmica, familiar dentre outros segmentos.

Os sujeitos digitais do Ensino Médio, muita das vezes, se comunicam nas redes sociais, mas não propagam na sala de aula seus pensamentos, desejos e desafios no momento presente ou para o futuro, e isso não é satisfatório e nem estimulador para o processo de ensino-aprendizagem, eles devem expressar-se para denotarem suas expectativas e possibilidades de atuação como relata a (UNESCO, 2007, p. 20):

Assim, na medida em que os jovens expressam sua percepção de um presente que, de alguma forma, acena para eles com maiores possibilidades, sinalizam, ao mesmo tempo, sua própria expectativa de um futuro com mais e melhores oportunidades, cujo resultado pode ser traduzido na elevada proporção de jovens que se consideram satisfeitos ou muito satisfeitos com a vida que levam [...].

A satisfação com o modo de viver é um percurso a ser traçado pelos jovens, que devem buscar o sucesso de convivência e permanência na sociedade entre as indecisões que os cercam. A escola tem recebido grande número de jovens, porém ela não modificou seu espaço interno para um diálogo com este público e sua realidade. Assim, concordamos com Carrano (2007, p. 60) quando salienta que:

[...] além das dificuldades de acesso e permanência na escola, os jovens enfrentam a realidade de instituições públicas que se orientam predominantemente para a oferta de conteúdos curriculares formais e considerados pouco interessantes pelos jovens. Isso implica em dizer que as escolas têm se apresentado como instituições pouco abertas para a criação de espaços e situações que favoreçam experiências de sociabilidade, solidariedade, debates públicos e atividades culturais e formativas de natureza curricular ou extra-escolar.

A não abertura de espaços com experiências inovadoras e interativas para os jovens no meio escolar já pode evidenciar uma desmotivação para a realização de atividades curriculares conteudistas, pois o caráter ativo dos sujeitos digitais não estaria sendo utilizado, porque “eles gostam de processar mais de uma coisa por vez e realizar múltiplas tarefas” (PRENSKY, 2001, p. 2).

Muitos jovens não se identificam com a escola por causa do distanciamento de tratamento, ela os remete a prolongadas séries de conteúdos, mas não aproxima as expectativas desses sujeitos com suas realidades, o que vem identificá-la como fonte de decepção como afirma Bourdieu (1999, p. 483):

A instituição escolar é vista cada vez mais, tanto pelas famílias como pelos próprios alunos, como um engodo e fonte de uma imensa decepção coletiva: uma espécie de terra prometida, sempre igual no horizonte, que recua à medida que nos aproximamos dela.

A descrença com a eficiência da escola vem crescendo, mas nem por isso ela vem perder seu potencial de atuação na sociedade, porém é preciso rever suas políticas pedagógicas para não mergulhar seus usuários em situações de abandono ou repetência que muitas das vezes passam despercebidas ou não são analisadas como vestígios de desânimo com o ambiente escolar.

A evasão e a repetência são desafios que transitam entre os sujeitos discentes, existem fatores que ligam estas ações negativas a falta de atuação da família, questões financeiras ou a própria negligência dos alunos, mas também deve ser focada a responsabilidade da escola como ressalta Fukui (*apud* BRANDÃO et al, 1983, p. 38):

O fenômeno da evasão e repetência longe está de ser fruto de características individuais dos alunos e suas famílias. Ao contrário, refletem a forma como a escola recebe e exerce ação sobre os membros destes diferentes segmentos da sociedade.

Todos os envolvidos no processo educacional devem assumir suas responsabilidades quando o fracasso escolar entra em cena, inclusive a escola, para que dessa forma venha consolidar um trabalho colaborativo que proporcione efeitos positivos dentro do espaço escolar, eliminando assim, as possibilidades negativas de distanciar os sujeitos discentes do aprendizado e do universo do conhecimento.

Os sujeitos digitais anseiam por oportunidades relevantes na sociedade, melhores postos de trabalho, acesso às universidades, estabilidade financeira e a chance de se posicionar de forma ativa e veem a escola como uma parceira para a realização desses desejos, por isso é importante se preocupar quando estes jovens se afastam ou se negam a voltar para este espaço dotado de conhecimento.

Dessa forma, é importante evidenciar que os sujeitos digitais do Ensino Médio são diversificados, criam seus modelos de expressão, apresentam dificuldades e anseios enquanto sujeitos em desenvolvimento. Assim, a escola, como instituição social, deve assegurar o direito de um ensino de qualidade para esta juventude, atuando na linha de socialização e valorização dos membros que dela fazem uso, buscando formas de interação nos espaços que dispõe e revendo suas práticas pedagógicas centradas em modelos uniformes.

2.3 Aprendendo com as “diferenças” e tecnologias na escola

A escola é uma instituição encarregada pela sociedade na formação da personalidade de sujeitos com base nos processos de transmissão cultural e do conhecimento acumulado no decorrer da história humana. Assim, os indivíduos que transitam neste espaço trazem consigo suas contribuições nos aspectos diferenciais e podem contribuir para o aprendizado quando unem tais fatores com o uso das tecnologias.

As diferenças presentes na escola nem sempre foram valorizadas tendo como indicativo o tratamento homogêneo dos sujeitos, estes vivenciavam situações em que suas particularidades individuais não eram visualizadas e nem trabalhadas. Porém, é certo que as diferenças existem e que temos o direito de ser diferente como Pierucci (1999, p. 7), assim sintetiza:

Somos todos iguais ou somos todos diferentes? Queremos ser iguais ou queremos ser diferentes? Houve um tempo em que a resposta se abrigava, segura de si, no primeiro termo da disjuntiva. Já faz um quarto de século, porém, que a resposta se deslocou. A começar da segunda metade dos anos 70, passamos a nos ver envoltos numa atmosfera cultural e ideológica inteiramente nova, na qual parece generalizar-se em ritmo acelerado e perturbador a consciência de que nós, humanos, somos diferentes de fato, (...), mas somos também diferentes de direito. É o chamado “direito à diferença”, o direito à diferença cultural, o direito de ser, sendo diferente. The right to be different!, como se diz em inglês, o direito à diferença. Não queremos mais a igualdade, parece. Ou a queremos menos, motivamos muito mais, em nossa conduta, em nossas expectativas de futuro e projetos de vida compartilhada, o direito de sermos pessoal e coletivamente diferentes uns dos outros.

Ser diferente não é um problema, pelo contrário, representa uma nova forma de atuar culturalmente e socialmente. Na escola as diferenças entre os sujeitos precisam ser tratadas como recursos de máximo potencial, pois o compartilhamento de conhecimentos e vivências vem enriquecer o processo de ensino-aprendizagem e pode favorecer uma nova maneira de consolidar o saber científico com experiências vividas no cotidiano.

Os sujeitos digitais discentes podem ser considerados como indivíduos diferentes comparados com outros sujeitos que não tiveram a oportunidade de se familiarizar tão rapidamente com as tecnologias ou que estão tentando esta familiarização. A escola apresenta alguns profissionais que ainda não se articulam com as mídias, mas que estão buscando se aperfeiçoar nessa nova linha de interatividade globalizada.

Segundo Presnky (2001, p. 1), “nossos estudantes de hoje são todos ‘falantes nativos’ da linguagem digital dos computadores, vídeo games e internet” e isso já promove um diferencial na atuação desses jovens no espaço escolar, pois o contexto em que vivem fortalece a prática mais contextualizada de atividades e conceitos trabalhados na escola.

As atividades exercidas em sala de aula pelo professor podem configurar-se como ações de transformação da realidade como defende Vasconcellos (2008, p. 76):

Através de sua atividade em sala de aula, o professor pode estar participando de todo o movimento de transformação da realidade. Todavia, para que esta possibilidade se efetive, é preciso que assuma uma postura crítica diante dos desafios que estão colocados no cotidiano.

A posição crítica do professor em relação aos desafios do cotidiano, como o uso das tecnologias, leva os processos de ensino para uma dimensão mais reflexiva como também auxilia fatores de aprendizagem que podem instigar a participação dos discentes nas atividades escolares, quanto mais ocorrer o envolvimento das práticas cotidianas dos alunos no contexto dos conceitos ministrados em sala mais identificação e aceitação ocorrerá.

As mídias e outras tecnologias fazem uso de algum *software*¹, no campo educacional o docente precisa gerenciar os recursos tecnológicos com a escolha adequada dos programas para alcançar os objetivos planejados, “distinguindo os que se prestam mais a um trabalho dirigido para testar conhecimentos dos que procuram a levar o aluno a interagir com o programa de forma a construir conhecimento” (BRASIL, 2001, p. 47).

As tecnologias podem ser vistas como ferramentas auxiliares para os docentes no processo de aprendizagem, o computador é uma delas, ele ainda não está disponível em larga escala nas escolas, mas sua participação vem crescendo nas atividades escolares o que já indica a necessidade de estudos para a utilização de tal recurso como defende os PCN (2001, p. 47):

Embora os computadores ainda não estejam amplamente disponíveis para a maioria das escolas, eles já começam a integrar muitas experiências educacionais, prevendo-se sua utilização em maior escala a curto prazo. Isso traz como necessidade a incorporação de estudos nessa área, tanto na formação inicial como na formação continuada do professor do ensino fundamental, seja para poder usar amplamente suas possibilidades ou para conhecer e analisar softwares educacionais.

Assim, faz-se necessário que os docentes busquem um conhecimento aprimorado sobre as tecnologias, não só do nível fundamental, mas também do ensino médio, pois como estão na última etapa do ensino básico precisam estar munidos de informações que norteiam os espaços físicos que farão parte da vida social dos seus discentes. E sobre as contribuições do uso do computador (BRASIL, 2001, p. 48) evidencia que:

O computador pode ser usado como elemento de apoio para o ensino (banco de dados, elementos visuais), mas também como fonte de aprendizagem e como ferramenta para o desenvolvimento de habilidades. O trabalho com o computador pode ensinar o aluno a aprender com seus erros e a aprender junto com seus colegas,

¹ Software é uma sequência de instruções escritas para serem interpretadas por um computador com o objetivo de executar tarefas específicas. Também pode ser definido como os programas que comandam o funcionamento de um computador. **O que é Software.** Disponível em: < <http://www.significados.com.br/software/>>. Acesso em: 10 de out. de 2014.

trocando suas produções e comparando-as.

O aprendizado não nasce dos acertos imediatos, mas das tentativas de alcançar o objetivo correto, as tecnologias proporcionam várias formas de progredir nessa perspectiva, pois trabalham a condição motora, o raciocínio lógico e a reunião de informações em interfaces dinâmicas que cobram a participação individual ou coletiva do alunado dependendo da situação abordada pelo docente.

Segundo Byington (1996, p. 78), é “preciso não esquecermos que o ferro só se molda em altas temperaturas”, assim também acontece com o aprendizado, é necessário elevar os esforços e buscar as mais variadas formas de atrair os discentes para o processo de ensino-aprendizagem no espaço escolar, realizando o reconhecimento de suas diferenças e atuando nas suas experiências cotidianas, utilizando os recursos disponíveis e quando possível buscar inovar com as novas tecnologias que eles manuseiam e se familiarizaram.

3 TECNOLOGIA NA ESCOLA: UMA REALIDADE INOVADORA E ATRATIVA

As inovações tecnológicas são terrenos férteis de propagação de informação, comunicação, mudança das noções de espaço e tempo, configuração de novas culturas, desafios e conseqüentemente de novas oportunidades de proporcionar o aprendizado no ambiente escolar.

A escola se encontra numa fase em que as tecnologias estão presentes em quase todos os meios comunicativos e informativos exigindo, assim, mudanças de práticas pedagógicas dos docentes, já que as tecnologias de informação e comunicação (TIC) surgem como novos pilares a serem introduzidos e trabalhados no processo de ensino-aprendizagem.

O uso das tecnologias convencionais ou novas gera inquietação nas atividades que ocorrem no cotidiano escolar. Para amenizar tais situações é necessário conhecer as potencialidades das tecnologias existentes e a realidade da escola, trabalhando na interface do processo pedagógico que inclui os docentes, discentes e comunidade interna e externa.

Quando realizamos o reconhecimento favorecemos a incorporação de diferentes tecnologias (TV, computador, celular, tablet, etc.) existentes na escola à prática pedagógica o que causa contribuições significativas. Assim, a utilização das tecnologias precisa acontecer priorizando os propósitos educacionais numa abordagem dinâmica e atrativa para favorecer a aprendizagem ao aluno.

Dessa forma, a incorporação das tecnologias na escola favorece a disseminação de acesso à informação, o reconhecimento da diversidade, novas possibilidades de comunicação e interação, o que propicia novas formas de aprender, ensinar e produzir conhecimento entre os sujeitos que atuam neste processo.

3.1 As mídias digitais e o ambiente escolar

A sociedade atual torna-se cada vez mais exigente, com isso, recaem cobranças sobre a escola, a de preparar o aluno para enfrentar os desafios do cotidiano é uma delas. O espaço escolar abandona a ideia de campo de transferência de informações e passa a incorporar um caráter de renovação

constante. Essa nova visão favorece o reconhecimento das variedades e importância das mídias digitais.

As mídias digitais podem ser consideradas como a reunião de mecanismos e aparelhos de comunicação fundamentados em tecnologia digital, permitindo, assim, a distribuição ou comunicação digital de obras (canônicas ou não canônicas) escritas, sonoras ou visuais. Na escola encontramos diversas mídias (computador, telefone celular, tablet, televisão digital, jogos eletrônicos, internet e outros), assim, aproveitar estes mecanismos no processo de ensino-aprendizagem se torna uma ferramenta de interatividade entre o aluno e seu cotidiano, já que muitos desses recursos já estão inseridos no dia a dia deste.

O trabalho com as mídias proporciona um novo enfoque de apresentar a dinâmica da aprendizagem, mas não supera as bases teóricas e práticas que portam os docentes que delas fazem uso, assim, o trabalho midiático é um fator que estimula a reflexão crítica da prática do docente e com isso o mesmo poderá aperfeiçoar sua dinâmica de atuação como defende Freire (1997, p. 44), “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Para efetivar o uso das mídias digitais na escola é preciso desenvolver conhecimentos e mecanismos que facilitem sua integração ao campo da educação, evitando o famoso “deslumbramento” ou o uso indiscriminado da tecnologia por si e em si. Não basta trocar o pincel ou giz por um suporte tecnológico, tem que manifestar um sentido com foco no aprendizado, muitos governos das esferas federais e estaduais criam políticas de incremento de tecnologias na escola, mas não dão suporte adequado no uso destas, fator que dificulta o trabalho em sala de aula, como a disponibilização de tablets para os alunos sem uma capacitação para os docentes visando o uso destes no processo de aprendizagem.

As mídias são recursos inovadores, mas não é a novidade em si, são modificações aperfeiçoadas de outros meios comunicativos, como a televisão, meio de comunicação de massa que tem alcance geográfico e difusão de informações, exercendo assim influência sutis nos seus telespectadores como aborda Sacristán e Gómes (1996, p. 25):

[...] os meios de comunicação de massa, e em especial a televisão, que penetra nos mais recônditos cantos da geografia, oferecem de modo atrativo e ao alcance da maioria dos cidadãos uma abundante

bagagem de informações nos mais variados âmbitos da realidade. Os fragmentos aparentemente sem conexão e assépticos de informação variada, que a criança recebe por meio dos poderosos e atrativos meios de comunicação, vão criando, de modo sutil e imperceptível para ela, incipientes, mas arraigadas concepções ideológicas, que utiliza para explicar e interpretar a realidade cotidiana e para tomar decisões quanto a seu modo de intervir e reagir.

Nessa visão, as mídias se apresentam como configurações novas e conseqüentemente como novas formas interativas de comunicação e informação, são tecnologias de aplicação e conhecimento dos fatos que percorrem o mundo em tempos de globalização. Refletindo sobre esses avanços tecnológicos na era globalizada Kalinke (1999, p. 15) afirma que:

Os avanços tecnológicos estão sendo utilizados praticamente por todos os ramos do conhecimento. As descobertas são extremamente rápidas e estão a nossa disposição com uma velocidade nunca antes imaginada. A Internet, os canais de televisão a cabo e aberta, os recursos de multimídia estão presentes e disponíveis na sociedade. Estamos sempre a um passo de qualquer novidade. Em contrapartida, a realidade mundial faz com que nossos alunos estejam cada vez mais informados, atualizados, e participantes deste mundo globalizado.

Embora as mídias digitais exerçam um atrativo para disseminar a aprendizagem, ainda existem profissionais da educação que não se veem preparados para o enfrentamento das metodologias que incorporam recursos tecnológicos. Dessa forma, não basta jogar as ferramentas na escola ou identificá-las, tem que ocorrer um amadurecimento prático do professor para que o mesmo seja um mediador entre a informação e o aprendizado e nessa interação propagar elementos de conhecimento com a utilização destes aparatos como ferramentas pedagógicas.

3.2 Tecnologia e uso: dificuldades e aceitação do professor para promoção da aprendizagem

A sociedade contemporânea está inserida em contextos que predominam o uso de tecnologias nas mais variadas atividades como caixas eletrônicas, semáforos, radares e muitos outros meios. O espaço escolar não poderia ficar

distante dessa realidade, mas nem sempre os docentes encontram-se preparados para o uso e aplicação dessas tecnologias na sala de aula.

Para que se tenha uma boa preparação para o manuseio das tecnologias na escola é necessário que o profissional docente demonstre a curiosidade e habilidade em trabalhar com tais recursos, assim, poderá instigar os alunos à mesma curiosidade num processo dialógico. Dessa forma, é necessário que o mesmo seja amparado por capacitações ou cursos que incentivem e ensinem a utilização de tais recursos de forma eficiente, por exemplo, o e-ProInfo².

A tecnologia não é uma ameaça para o docente, mas uma ferramenta que vem incrementar sua prática pedagógica no cotidiano, o uso dessa ferramenta já é estimulado na formação do professor para que este desenvolva uma nova prática perante as barreiras tradicionais. Para Mercado (1999, p. 12):

Na formação de professores, é exigido dos professores que saibam incorporar e utilizar as novas tecnologias no processo de aprendizagem, exigindo-se uma nova configuração do processo didático e metodológico tradicionalmente usado em nossas escolas nas quais função do aluno é a de mero receptor de informações e uma inserção crítica dos envolvidos, formação adequada e propostas de projetos inovadores.

O processo de formação dos docentes que inclui o trabalho com tecnologias é algo novo, assim, os profissionais que não tiveram no seu tempo de graduação um conhecimento mais abrangente no uso desses novos recursos criam ambientes de resistências, não por desinteresse, mas pelo fato de não demonstrarem habilidades no manuseio tecnológico, algo que se torna primordial na atualidade como defende Mocosk (1997, p.193), ao afirmar que “é importante que ele [professor] habite no mundo tecnológico em vez de sentir ameaçado por ele”.

O professor é um agente fundamental no processo de mediação do conhecimento no espaço escolar, para que o processo de aprendizagem seja algo

² **e-Proinfo** - O Ambiente Colaborativo de Aprendizagem (e-Proinfo) é um ambiente virtual colaborativo de aprendizagem que permite a concepção, administração e desenvolvimento de diversos tipos de ações, como cursos a distância, complemento a cursos presenciais, projetos de pesquisa, projetos colaborativos e diversas outras formas de apoio a distância e ao processo ensino-aprendizagem. **e-Proinfo**. Disponível em:< http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=138:e-proinfo >. Acesso em 8 de out. de 2014.

promissor o mesmo deve intervir com dinamismo e sempre buscar novas formas de ministrar conceitos e conteúdos. Quando faz uso de tecnologias não é apenas o trocar de suporte didático, mas o uso deste com novas formas de interagir com o conhecimento, assim, trocar o livro didático por um datashow e neste passar o mesmo conteúdo do livro não fará da tecnologia um suporte inovador.

A escola com seus sujeitos, professores e alunos, está inclusa na sociedade da informação e conseqüentemente nos seus dilemas como ressalta Alarcão (2008, p. 13):

Vivemos hoje numa sociedade complexa, repleta de sinais contraditórios, inundada por canais e torrentes de informação numa oferta de “sirva-se quem precisar e do precisar” e “faça de mim o uso que entender”. O cidadão comum dificilmente consegue lidar com a avalanche de novas informações que o inundam e que se inter cruzam com novas idéias e problemas, novas oportunidades, desafios e ameaças.

Nessa nova perspectiva social, algumas práticas docentes podem estimular ou causar o desânimo na sala de aula, já que os discentes se mostram mais aptos e práticos quanto à inovação tecnológica e seus instrumentos de informação. Deixar as tecnologias fora do contexto do aprendizado se apresenta como uma dificuldade de interatividade, pois a monotonia da repetição conteudista pode causar uma desmotivação para o aprendizado e um “fardo” para o ensino.

Ainda na ótica da informação, Alarcão (2008, p. 19) considera:

Qual de nós não sente que hoje cada vez é maior o número das coisas que não sabe e que gostaria ou necessitaria saber? Muitos de nós, facilmente respondem: não há problema, vejo na internet. E vamos à internet para ver os horários dos trens, os preços dos hotéis, os descontos praticados nos restaurantes, os espetáculos que estão em cena, as notícias do dia, as publicações sobre um determinado tema, informação sobre um assunto que desconhecemos, mas sobre o qual queremos saber e tantas outras coisas que fazem parte do nosso cotidiano.

A internet é uma mídia que deve ser trabalhada no espaço escolar, porém muitos docentes temem seu uso, já que as buscas podem gerar dúvidas e descobertas que não se limitaram no material didático, mas é nas contradições que o sistema educacional deve apontar caminhos para que esta tecnologia seja uma ferramenta de ensino e aprendizado para os sujeitos que dela fizerem uso.

Segundo Masetto e Moran (2000, p.171):

[...] o professor que trabalha na educação com a informática há que desenvolver na relação aluno-computador uma mediação pedagógica que se explicita em atitudes que intervenham para promover o pensamento do aluno, implementar seus projetos, compartilhar problemas sem apresentar soluções, ajudando assim o aprendiz a entender, analisar, testar e corrigir erros.

A partir dessa perspectiva, para a construção do conhecimento do educando na atualidade, que está íntimo da tecnologia por meio do acesso da informática, os professores precisam adotar o caráter de mediador e orientador. Esta mediação parte do pressuposto da aprendizagem que envolve o desenvolvimento com “acertos” e “erros”, mas sempre apresentando um ambiente de confiança e respeito entre os envolvidos.

Partindo desses pressupostos, é oportuno que o docente aceite a ideia de mudanças na educação, compreendendo que o tratamento com o ensino está em fase de tramitação com os recursos tecnológicos, e que sua participação nesse processo é algo fundamental para o êxito do processo de ensino-aprendizagem, tendo em vista o alcance das diversas formas de conhecimento e o desenvolvimento emancipatório dos discentes para atuarem de forma crítica e consciente na sociedade.

3.3 A escola e seus sujeitos digitais: fatores de encontros e desencontros

A escola pode ser considerada como o espaço onde ocorre o favorecimento do acesso ao conhecimento aos cidadãos que dela participam, desenvolvendo competências, trabalhando com conhecimentos produzidos historicamente pela humanidade e utilizando os mesmos no exercício da cidadania. Assim, é um espaço relevante e com interesses sociais reunindo diversos sujeitos com anseios comuns e variados.

Segundo Lima (2010, p. 8):

A escola em suas distintas modalidades e níveis (Ensino Fundamental, Ensino Médio, EJA, Ensino Técnico-profissionalizante ou Ensino Superior) é constituída por vários atores sociais (responsáveis por sua estrutura e funcionamento) apresentando, cada um, a sua contribuição conforme a atribuição que lhe foi conferida na totalidade escolar. Neste sentido, é necessário entender que a escola, o mundo e suas formas de produção apresentam leituras dinâmicas que devem ser contextualizadas à medida que se

desdobra o trabalho escolar, principalmente o trabalho docente e suas manifestações, por conta de ter na formação do aluno a finalidade do ser e estar da escola.

Os sujeitos que integram o espaço escolar exercem contribuição para o mesmo, sejam no ensino, aprendizado ou funcionamento. A variedade de indivíduos que se encontra no ambiente escolar também deve ser trabalhada, já que a instituição de ensino deve preparar indivíduos para atuarem de modo dinâmico numa sociedade cada vez mais plural de concepções e estruturas.

Em relação ao conhecimento no espaço escolar Lima (2010, p. 8) comenta:

[...] o conhecimento longe de ser ou estar acabado é um objeto em construção, solicitando a sensibilização do educador para “aprender a conhecer”, para considerar possibilidades, para reunir hipóteses e para entender que o homem mobiliza a história e mobiliza-se com a história num processo de vir-a-ser considerando e reconsiderando seus encaminhamentos à luz da reflexão de seus desafios como objeto processual e dinâmico e por isso mesmo sujeito a possíveis transformações na medida em que constrói os seus saberes.

O conhecimento não é um fator cristalizado, mas uma interface que se amplia com as contribuições que surgem das mobilizações históricas, o educador com sua sensibilidade teórica e prática proporciona ao discente a oportunidade de interagir com o conhecimento enquanto apreende as situações de aprendizagem.

Dentre a diversidade dos sujeitos presentes no âmbito escolar, cabe um olhar para os sujeitos digitais ou nativos digitais, como também são reconhecidos, estes são os sujeitos que nasceram imersos no mundo digital, que interagem simultaneamente com as diferentes mídias, isto é, ouvem música, assistem vídeos, jogam videogames, usam notebooks e tablets, conversam com os amigos através de programas de comunicação instantânea ou em telefones, realizam estudos, tudo isso ao mesmo tempo.

Os sujeitos digitais discentes são exemplos de interatividade, se reservam ao mesmo tempo em que buscam exposição no espaço que ocupam, estão em constante produção textual com as múltiplas mensagens que são compartilhadas nas suas redes sociais, estas que segundo Marteleto (2001, p. 72) representam “[...] um conjunto de participantes autônomos, unindo idéias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados”.

De acordo com Lemos (2009, p. 40), os nativos digitais podem ser considerados como “jovens que possuem sofisticado conhecimento e habilidades em informática e uma geração que tem preferências ou estilos diferentes de aprendizagens que as gerações anteriores”, dessa forma, o trabalho pedagógico a ser exercido em sala de aula pode tornar-se fator de encontro ou desencontro com estes, já que os mesmos são mais participativos quando são inseridos em contextos mais dinâmicos e interativos.

Os alunos de hoje são sujeitos digitais, ou seja, foram inseridos em contextos com tecnologia. Sobre esta questão, Prensky (2001, p.1) lembra que:

Os alunos de hoje – do maternal à faculdade – representam as primeiras gerações que cresceram com esta nova tecnologia. Eles passaram a vida inteira cercados e usando computadores, vídeo games, tocadores de música digitais, câmeras de vídeo, telefones celulares, e todos os outros brinquedos e ferramentas da era digital.

A escola deve está atenta para este fato, para não atuar numa linha contraditória que prioriza atividades conservadoras e distancia o uso das tecnologias na sala de aula. Nesta fase do século XXI os docentes devem adotar uma nova roupagem de metodologias de ensino, já que o ambiente escolar acomoda novos alunos. As mudanças na escola estão mais evidentes. Discutindo estes aspectos Belloni (2001, p. 27) aponta que:

Do livro e do quadro de giz à sala de aula informatizada e on-line a escola vem dando saltos qualitativos, sofrendo transformações que levam de roldão um professorado menos perplexo, que se sente muitas vezes despreparado e inseguro frente ao enorme desafio que representa a incorporação das TIC ao cotidiano escolar. Talvez sejamos os mesmos educadores mas os nossos alunos já não são os mesmos.

O conservadorismo de práticas pedagógicas não inovadoras e o medo em incorporar as novas tecnologias na sala de aula podem causar uma desmotivação no processo de aprendizagem, pois os sujeitos digitais não se contentarão com aulas repetitivas e sem relação com seu cotidiano, ficariam mais concentrados com seus fones de ouvido, que geralmente não desapegam de suas mochilas, ou com o bate-papo de alguma rede social trocando mensagens com amigos, estes que podem está na mesma sala.

Ainda tratando do emprego das tecnologias na escola, encontramos docentes com posicionamentos divergentes como aborda Belloni (2001, p. 47):

De um lado, há aqueles que veem nelas um instrumento para resolver todos os problemas e melhorar definitivamente a qualidade da educação de modo geral, e, de outro, os que resistem obstinadamente a elas, por não perceber claramente o que está em jogo e/ou não perceber sua utilidade.

Assim, as divergências já indicam um processo de transição entre a adoção e a recusa das tecnologias, mas fica evidente que os docentes precisam estar preparados para encarar a nova configuração dos alunos, ou simplesmente sujeitos digitais discentes, estes que são usuários ativos, criativos e críticos das tecnologias de informação e comunicação.

4 CONCLUSÃO

A escola é uma instituição social que dissemina valores, culturas e conhecimentos produzidos ao longo do tempo, contribuindo para formação de cidadãos mais críticos e com habilidades de produção para atuar na sociedade. Assim, as atividades que são exercidas no ambiente escolar necessitam de reflexões e participação de todos os indivíduos que se relacionam na dinâmica educacional.

Os sujeitos que habitam o espaço escolar são portadores de valores culturais e precisam ser reconhecidos nas suas potencialidades e como agentes essenciais para construção de um ambiente mais receptivo no tratamento da diversidade existente na sociedade, a valorização dos indivíduos passa a ser um fator de enriquecimento às práticas pedagógicas bem como da melhoria das relações aluno/aluno, aluno/professor e professor/professor.

A tecnologia presente no mundo contemporâneo é ferramenta que auxilia a aproximação dos sujeitos digitais ao universo do conhecimento não podendo, dessa forma, ficar distanciada da escola, mas pelo contrário, precisa estar atrelada nas relações de ensino-aprendizagem, pois é um recurso interativo que favorece a participação mais ativa dos discentes na construção do seu aprendizado.

Mediante as contribuições dos autores consultados e as reflexões construídas nesta interação é identificado que o caminho da aprendizagem é fator de relevância na atuação preparatória para o exercício da cidadania e que a escola, com seus atores mediadores, precisa atuar com uma abordagem dinâmica, interativa e inovadora para atrair os discentes ao processo de construção de conhecimentos e, dessa forma, promover o sucesso do ensino e o desenvolvimento intelectual dos sujeitos discentes.

Assim, espera-se que este trabalho sirva de motivação para uma reflexão sobre as práticas pedagógicas presente no âmbito escolar, estas que necessitam estimular a participação do aluno, evitando seu distanciamento do aprendizado, e construir pontes com a sua realidade, para que dessa forma, venha possibilitar a promoção deste sujeito na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- AMARAL, Vera Lúcia do. **Psicologia da educação**. Natal, RN: EDUFERN, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BELLONI, M. L. **Educação a Distância**. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.
- BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. **Pedagogia simbólica: a construção amorosa do conhecimento do Ser**. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1996.
- BOURDIEU, P. et al. (Coord.). **A Miséria do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BRANDÃO, Zaia et al. O estado da arte da pesquisa sobre evasão e repetência no ensino de 1º grau no Brasil. In **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 64, nº 147, maio/ago. 1983, p. 38-69.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática**. Vol. 3. 3. ed. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade cultural e orientação sexual**. Vol. 10. 3. ed. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- _____. Secretaria de Educação Básica. **Conselho Escolar e o respeito e a valorização do saber e da cultura do estudante e da comunidade**. Vol. 3. Brasília: MEC/SEB, 2004.
- CARVALHO, R. E. A incorporação das tecnologias na educação especial para a construção do conhecimento. In: SILVA, S.; VIZIM, M. (Org.). **Educação Especial: múltiplas leituras e diferentes significados**. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 57-84.
- CARRANO, Paulo C. Rodrigues. Identidades juvenis e escola. **Alfabetização e Cidadania**, São Paulo: Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora no Brasil (RAAAB), n.10, p.16, nov. 2000.
- _____. Educação de Jovens e Adultos e juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da “segunda chance”. **Revista de Educação de Jovens e Adultos**, Belo Horizonte, v. 1, p. 55-67, ago. 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FORQUIN, Jean Claude. O currículo entre o relativismo e o universalismo, **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 21, n.73, dez. 2000.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política**: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GÓMEZ, Angel Perez. **La cultura escolar en la sociedad neoliberal**. Madrid: Morata, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

KALINKE, Marco Aurélio. **Para não ser um professor do século passado**. Curitiba: Gráfica Expoente, 1999.

LEMOS, Silvana. **Nativos digitais x aprendizagens**: um desafio para a Escola. Téc. Senac: a Revista Educação Profissional, Rio de Janeiro, v. 35, n.3, set./dez. 2009. Disponível em:< <http://www.senac.br/BTS/353/artigo-04.pdf>>. Acesso: 17 de out. 2014.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Paulo Gomes. **Formação de professores**: por uma ressignificação do trabalho pedagógico na escola. Dourados: EDUFGD, 2010.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

MOSCOVICI, Felá. **Razão e Emoção**: a inteligência emocional em questão. Salvador: Casa da Qualidade.1997.

MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos T., BEHRENS, Marilda A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

MERCADO, Luis Paulo. **Formação Continuada de Professores e Novas Tecnologias**. Maceió: Edefal, 1999.

MOCROSKY, L. F. **Uso de calculadoras em aulas de Matemática**: o que os professores pensam. Rio Claro: UNESP, 1997. 199 p. (Mestrado em Educação Matemática).

PIERUCCI, A.F. **Ciladas da diferença**. São Paulo: Editora 34, 1999.

PRENSKY, M. **Nativos Digitais, Imigrantes Digitais**. On the Horizon (MCB University Press, v. 9, n. 5, out. 2001. Disponível em: < http://www.colegiongeracao.com.br/novageracao/2_intencoes/nativos.pdf>. Acesso em: 15 de set. 2014.

RODRIGUES, Anna Maria Moog. Por uma filosofia da tecnologia. In: GRINSPUN,

Mirian P. S. Zippin (Org). **Educação tecnológica: desafios e perspectivas**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001, p. 75-129.

SÁ, Luzia Lopes Zenha Reis. **Pedagogia diferenciada. Uma forma de aprender a aprender**. Cadernos do CRIAP, Porto, n. 19, 2001.

SACRISTÁN, José Gimeno; GÓMEZ, A.I. Pérez. **Comprender e transformar o Ensino**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

_____. **A educação obrigatória**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

SILVA, M. **Sala de aula interativa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.

UNESCO. **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília : MEC/SECAD, 2007.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Para onde vai o Professor? Resgate do Professor como sujeito de transformação**. 13. ed. São Paulo: Libertad, 2008.